






## Imprensa e Insegurança Alimentar no Brasil da pandemia

Natalia Bizerra Oliveira<sup>1</sup> , Brena Barbosa Freitas<sup>1</sup>  e Ana Cristina Augusto de Sousa<sup>1,2\*</sup> 

**Introdução:** Este texto identifica e analisa matérias jornalísticas que abordaram o consumo de alimentos durante a pandemia, no contexto da crise econômica e do desmonte das políticas públicas de segurança alimentar no país. **Objetivo:** O objetivo geral do trabalho é analisar o conteúdo das matérias que abordaram o tema para perceber que mensagens elas transmitiam a respeito do agravamento da insegurança alimentar no contexto da crise econômica e do aumento do preço dos alimentos. **Método:** Para efetuar a análise do conteúdo, foram selecionadas 15 matérias nos sites de dois jornais, a saber, Extra e G1, do Grupo Globo S.A., publicadas entre 2020 e 2021, auge da pandemia. **Resultados:** Os resultados obtidos mostraram que, via de regra, a cobertura jornalística abordou o aumento do preço dos alimentos e dos custos na cadeia de suprimentos como uma realidade dada – às vezes, da natureza – e não como resultante de um processo construído política e socialmente a partir das decisões políticas dos nossos dirigentes. Com isso, os verdadeiros responsáveis pela crise e pelo desmonte das políticas de segurança alimentar seguiram invisíveis e, portanto, protegidos da opinião pública. **Discussão:** O estudo examina de forma crítica o papel da mídia na produção de mensagens que perpetuam narrativas que ocultam os responsáveis pelos problemas coletivos da população e mostra, a partir da trajetória do setor, as decisões políticas que nos levaram de volta ao mapa da fome. Por fim, destaca a importância de reativar o Conselho Nacional de Segurança Alimentar (CONSEA) como órgão consultivo fundamental no combate à insegurança alimentar.

**Palavras-chave:** Insegurança Alimentar no Brasil, Políticas públicas, Imprensa, Pandemia, Covid-19.

### Media and food insecurity in Brazil during pandemic

**Introduction:** This text identifies and analyzes journalistic articles that addressed food consumption during the pandemic, in the context of the economic crisis and the dismantling of public food security policies in the country. **Objective:** The general objective of the work is to analyze the content of the articles that addressed the theme to understand what messages they transmitted regarding the worsening of food insecurity in the context of the economic crisis and the increase in food prices. **Method:** To perform the content analysis, 15 articles were selected on the websites of two newspapers, namely, Extra and G1, from Grupo Globo S.A., published between 2020 and 2021, the height of pandemic. **Results:** The results showed, mostly, that journalistic coverage addressed the increase in food prices and costs in the supply chain as a given reality – sometimes, of nature – and not as a result of a political and social process, based on the political decisions of our leaders. As a result, those truly responsible for the crisis and the dismantling of food security policies were not properly identified or held accountable for

<sup>1</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

<sup>2</sup> Escola Nacional de Saúde Pública/Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. \* Endereço para correspondência: E-mail: [anacris.sousa@fiocruz.br](mailto:anacris.sousa@fiocruz.br).

their actions. **Discussion:** The study critically examines the role of the media in producing messages that perpetuate narratives that hide those responsible for the collective problems of the population and shows, based on the trajectory of the sector, the political decisions that led us back to the hunger map. Finally, it highlights the importance of reactivating the National Food Security Council (CONSEA) as a fundamental advisory body in the fight against food insecurity.

**Keywords:** Food Insecurity in Brazil, Public policy, Press, Pandemic, Covid-19.

Submetido em: 22/03/2022

Accito em: 11/08/2023

## INTRODUÇÃO

Por segurança alimentar e nutricional, entende-se o direito universal ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde que respeitem a diversidade cultural e que sejam ambiental, cultural, econômica e socialmente sustentáveis<sup>1</sup>. Embora a erradicação da fome seja uma das metas de desenvolvimento sustentável, ela voltou a crescer no país depois de 2014. Desde então, até 2018, houve aumento de 8,0% ao ano da insegurança alimentar grave no país, como mostram os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) e da Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) realizadas em 2017-2018 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>2</sup>. Só entre 2018 e 2020, o aumento foi de 27,6%, o que penalizou 19,1 milhões de famílias em todo o país (Rede PENSSAN)<sup>3</sup>.

O acesso a informações sobre segurança do consumo de alimentos e nutrição é de especial importância num cenário de constante encarecimento e consequente indisponibilidade de itens básicos na cesta familiar. A alta nos preços obrigou os brasileiros a procurarem substitutos alimentares mais baratos, principalmente durante a pandemia do coronavírus. Por isso, a imprensa emerge aqui como importante agente de difusão de informações sobre o consumo de alimentos, quer seja explicando ao grande público os motivos para o encarecimento dos alimentos, como também o alertando para os efeitos do consumo de alimentos ultraprocessados ou com embalagens danificadas e aspectos indesejáveis.

Este texto analisa as matérias relacionadas com a insegurança alimentar publicadas no país entre 2020 e 2021 em jornais de grande circulação nacional e discute o seu conteúdo, a partir do contexto atual de desmonte das políticas públicas de segurança alimentar no país e da crise econômica que atinge a população nos últimos anos.

## METODOLOGIA

Com o objetivo de discutir como a insegurança alimentar foi retratada na grande imprensa do país, escolhemos analisar o conteúdo de quinze matérias publicadas eletronicamente no jornal mais lido de 2021: o jornal O Globo, do Grupo Globo (Organizações Globo Participações S.A)<sup>4</sup>. As matérias foram publicadas nos portais eletrônicos do G1 e do Extra, ambos mantidos pelo grupo. Entre Setembro de 2020 e Dezembro de 2021, a equipe buscou matérias que dialogassem com a insegurança alimentar, a partir de conteúdos voltados para a alimentação da população brasileira e que abordassem simultaneamente: 1) aumento dos custos ligados ao setor (insumos, serviços e matéria prima), 2) substituições ou aproveitamento de gêneros alimentícios; 3) segurança e valor nutritivo das sugestões de cardápio. Inicialmente, a tentativa de busca de matérias que atendessem a esses critérios, realizada por meio da utilização de palavras-chave combinadas nos campos de busca de cada jornal, mostrou-se ineficiente para o atendimento do objetivo da pesquisa, uma vez que os filtros disponíveis nos portais não evitaram o grande volume de matérias desconexas da finalidade proposta, tornando assim inexecutável uma efetiva triagem sistematizada dos resultados.

Assim, tendo em vista o escopo e principalmente o tamanho da análise que desejávamos propor, a equipe decidiu selecionar, por meio do acesso diário a esses jornais nesse período, o número de quinze matérias que atendessem aos critérios acima definidos para discutir à luz das transformações políticas e econômicas que têm afetado a segurança alimentar dos brasileiros. Dessa forma, não foram considerados conteúdos com sugestões de cardápios, aproveitamento ou substituições alimentares que não contivessem alguma referência, ainda que subliminar, à economia e ao encarecimento dos gêneros alimentícios, por exemplo. Matérias que propunham apenas o manejo de alimentos e pratos sem menção ou relação com o contexto, como receitas isoladas, foram excluídas por não se encaixarem nos objetivos da pesquisa.

O método utilizado para selecionar as matérias foi a leitura flutuante de Bardin<sup>5</sup>, que consiste em um primeiro contato com o material que se deseja analisar, de modo que, de acordo com o objetivo geral da pesquisa, ele possa ser escolhido e submetido à análise, permitindo assim que seja feita a formulação das hipóteses e objetivos, a elaboração dos indicadores que orientarão a interpretação e, por fim, a preparação formal do material selecionado.

Para a análise do conteúdo, a autora propõe a investigação do conteúdo simbólico das mensagens (conteúdo dos documentos) presentes no material, cuja função é encontrar respostas para as questões formuladas e/ou confirmar hipóteses estabelecidas previamente e descobrir o que está por trás dos conteúdos ali manifestos, isto é, do que está sendo comunicado para além das aparências. Flick<sup>6</sup> enfatiza que isso envolve considerar o contexto, a utilização e a função dos documentos utilizados. Afinal, como bem lembra, eles possuem propósito, finalidade e destinatário específicos. Assim sendo, é importante perceber quem os produziu, sua finalidade, a quem se destinam e sua intencionalidade. Deve-se interpretá-los como formas de contextualização da informação que atuam, nas palavras do autor, na condição de “dispositivos comunicativos metodologicamente desenvolvidos na produção de versões sobre eventos”.

As 15 matérias selecionadas, dez no portal de notícias G1 e 05 no jornal Extra, foram sistematizadas abaixo em dois quadros contendo origem, título, autoria, data e editoria de publicação.

**Quadro A.** Matérias publicadas no 'G1', da Globo (2020-2021).

Portal de Notícia	Data de Publicação	Autoria	Seção Editorial	Título da Notícia
G1	26/09/20	BBC News	Ciência e Saúde	Quando é seguro comer pão, queijo e outros alimentos mofados
G1	11/07/21	G1- PR	RPC - Paraná [Caminhos do campo]	Ovos são a alternativa para fugir dos preços altos da carne no Paraná
G1	20/04/21	Stephanie Tondo	Economia	E vamos botar água no feijão! Veja como fazer o prato render mais
G1	30/04/21	Stephanie Tondo	Economia	Pão francês e leite ficaram mais caros em abril; veja como economizar no café da manhã
G1	15/06/21	Isabelle Gerretse (BBC News)	Ciência e Saúde	Insetos: O alimento super nutritivo desprezado pelo mundo ocidental
G1	15/06/21	Stephanie Tondo	Economia	Criatividade na cozinha: veja 5 formas de substituir a carne pelos ovos sem cair na mesmice
G1	05/08/21	Luisa Oliveira e José Carlos Carvalho (Via SAPO)	Saúde	Alimentos à base de insetos já podem ser consumidos nos supermercados de Portugal
G1	16/08/21	Jornal Nacional	Jornal Nacional	Preços dos hortifrutis sobem por causa do frio: temperaturas baixíssimas afetaram lavouras de frutas, legumes e verduras.
G1	31/08/21	Stephanie Tondo	Economia	Pão francês, café e leite estão entre as maiores altas da inflação dos últimos 12 meses; veja como economizar
G1	10/09/21	Luciana Fróes	Gastronomia	Miojo gourmet: chefs dão receitas para turbinar o macarrão instantâneo

Fonte: Jornal O Globo/G1. Elaboração própria.

**Quadro B.** Matérias publicadas no jornal Extra (2020-2021)

Portal de Notícias	Data de publicação	Autoria	Seção editorial	Título da notícia
Extra	26/03/21	Stephanie Tondo	Economia e Finanças	Com inflação em alta, substituir alimentos é o segredo para economizar no almoço de Páscoa
Extra	18/12/20	Stephanie Tondo	Economia e Finanças	Churrasco econômico: veja como substituir as carnes e os acompanhamentos
Extra	15/08/21	Martha Imenes	Economia e Finanças	Brasileiro 'se vira' para driblar a fome; confira como substituir alimentos
Extra	14/09/20	Evelin Azevedo	Saúde e Ciência	Saiba como substituir o arroz e feijão por opções mais baratas
Extra	10/08/21	Stephanie Tondo	Economia e Finanças	Frio deixa hortaliças mais caras; veja como substituir a salada nas refeições

Fonte: Jornal Extra/O Globo. Elaboração própria.

À primeira vista, é possível perceber que elas predominaram no ano de 2021, na seção de economia, enfatizando o tema da substituição de

alimentos diante da inflação em alta. Via de regra, as matérias partiram do encarecimento dos gêneros alimentícios como uma realidade dada sem discutir

ou mesmo mencionar as razões que levaram o país a essa situação. Como pano de fundo temos a conjuntura política e econômica que vem configurando o aumento da insegurança alimentar no país. A baixa renda, o preço alarmante dos alimentos no mercado e a falta de políticas públicas no Brasil têm criado obstáculos para a boa alimentação, atingindo as pessoas de forma diferenciada dependendo da região, raça e gênero.

Tomemos a queda do consumo da carne, por exemplo. A alta acumulada do item foi de 30,8% nos 12 meses de 2021. Entre as matérias que encontramos sobre o assunto, identificamos a adoção de cortes menos nobres e mais baratos ou a substituição do item por outros alimentos<sup>8</sup>. A consequência da alta dos preços da carne foi a disparada nas vendas de ossos de frango e boi nos mercados, antes cotados apenas para caldos que serviam de tempero.

Em tempos de inflação, os ovos surgiram como os substitutos ideais. Em “Ovos são a alternativa para fugir dos preços altos da carne no Paraná”<sup>9</sup>, a matéria constata que as pessoas passaram a inserir mais ovo como prato principal ou complemento em busca da proteína. Na outra, “Criatividade na cozinha: veja 5 formas de substituir a carne pelos ovos sem cair na mesmice”<sup>10</sup>, a matéria tratou do assunto como uma questão de “criatividade”, e não da amarga realidade que tem forçado as pessoas a substituírem os alimentos por necessidade. Nessas matérias não se abordou, por exemplo, os riscos do consumo de ovos em excesso, como a formação de pedra nos rins, problemas no fígado, aumento de peso e osteoporose, que são problemas importantes de saúde<sup>11</sup>; do mesmo modo, a necessidade do balanceamento de calorias e nutrientes decorrentes da substituição da carne na dieta.

No setor de cereais, leguminosas e oleaginosas, o aumento dos preços foi ainda maior: 53,76%. Na matéria “E vamos botar água no feijão! Veja como fazer o prato render mais”<sup>12</sup>, a sugestão é incrementar o feijão com alguns legumes, além de linguiças e bacon, para que futuramente, quando ele for diluído, seja possível conservar o valor nutricional. Ora, como vimos, com o encarecimento das carnes nos últimos anos, essa não parece uma opção realista. A diluição do feijão provavelmente

será feita com água, farinha de trigo ou mistura de água com amido de milho, comprometendo a nutrição do cidadão.

Em “Saiba como substituir o arroz e feijão por opções mais baratas”<sup>13</sup>, curiosamente, o preço dos substitutos do feijão é a maior barreira para a sua substituição. O presidente da Associação Brasileira dos Supermercados (Abbras), João Sanzovo Neto, inclusive, recomenda a troca do arroz por macarrão. Os especialistas consultados, por sua vez, sugerem novamente que neste momento de crise, o brasileiro “leve a criatividade para a cozinha e experimente os alimentos que estão na estação”. O discurso da criatividade transfere um problema que é coletivo, isto é, da ordem da política, para os indivíduos, como se a realidade vivida dependesse de sua livre escolha. Isso despolitiza a realidade vivida pela coletividade.

A criatividade é novamente invocada na matéria que propõe, a partir da fala de *chefs* de cozinha, diversas receitas para aqueles que optam pelo miojo, seja pela praticidade, seja pela queda do poder aquisitivo<sup>14</sup>. Por ser um produto mais barato, o seu consumo aumentou na pandemia<sup>15</sup>. O problema disso é que o macarrão instantâneo é um alimento ultraprocessado, com baixo valor nutricional e elevada quantidade de sal<sup>16</sup> que traz riscos à saúde no consumo contínuo (aumento da pressão arterial, dos problemas cardiovasculares e renais, por exemplo).

Fato é que no atual cenário de aumento de preços e acesso diminuído, observa-se que as matérias estimulam o público leitor a substituir os itens, basicamente com foco no que é mais barato. A matéria “Com a inflação em alta, substituir alimentos é o segredo para economizar no almoço de Páscoa” conta que uma famosa rede de supermercado colocou à disposição dos consumidores um bolinho de bacalhau, que têm textura, gosto e aparência de bacalhau, mas, na verdade, é feito de jaca (a fruta)<sup>17</sup>.

O café da manhã também foi uma refeição especialmente impactada pela alta dos preços. Na matéria “Pão francês e leite ficaram mais caros em abril; veja como economizar no café da manhã”<sup>18</sup> propõe-se a troca do pão francês por frutas, cuscuz, entre outros. Em “Pão francês, café e leite estão entre as maiores altas da inflação dos últimos 12 meses; veja como economizar”<sup>19</sup>, sugere-se substituir café e

pão por chá (preto ou verde), biscoitos ou torradas. As mudanças no café da manhã do brasileiro motivadas pela necessidade são "naturalizadas" na reportagem com exemplos de famílias que optaram por outros tipos de alimentos. A ideia de substituição se justifica pela oferta (abundância no país), mas não considera a cultura brasileira que tem no café um protagonista do desjejum matinal. Nessas matérias, não são abordadas por que pães, café e leite ficaram tão caros, ou o que está por trás do súbito aumento dos preços dos alimentos. Com isso, seguem ocultos os reais motivos da inflação desses alimentos e, conseqüentemente, os reais responsáveis por ela.

Aliás, a culpa da inflação é colocada na natureza. Em "Preço dos hortifrúteis sobem por causa do frio: temperaturas baixíssimas afetam lavouras de frutas, legumes e verduras"<sup>20</sup> e "Frio deixa hortaliças mais caras; veja como substituir a salada nas refeições"<sup>21</sup>, os jornalistas culpam o clima frio pelo aumento dos preços de frutas, verduras e legumes, mas nada falam dos agricultores que, se devidamente amparados pelo governo, poderiam manter safras boas independentemente do clima ou da estação do ano. As matérias preferem responsabilizar politicamente a natureza. "É o preço que se paga pelas geadas no campo", diz a primeira; "Nos dias bem frios, está saindo mais barato fazer um mingau", ao invés de uma sopa de legumes, que ficou cara, diz uma "caçadora de ofertas" do jornal da segunda. Um comentário como esse pode levar os leitores à interpretação de que o consumo de hortaliças ou de uma tigela de mingau se equiparam em benefícios e valores nutricionais, o que não é verdade: além da diferença calórica entre um e outro, os benefícios no consumo regular de mingau e no consumo regular de hortaliças são muito diferentes.

Por outro lado, a ênfase de matérias que exaltam a inserção de insetos na dieta pelo seu conteúdo nutritivo<sup>22,23</sup>, apresentando-os como opção "versátil" e "sustentável" de consumo, destoa da cultura alimentar de nosso povo, que não inclui insetos no cardápio<sup>24</sup>. Além disso, oferece perigo se não forem tomados os devidos cuidados, como regulação adequada e o devido cumprimento de normas de segurança sanitária<sup>25</sup>. Dessa vez, a criatividade proposta aqui é na cultura, isto é, na mudança dos hábitos alimentares do povo e não nos problemas estruturais que configuram a alimentação no país.

Na matéria "Quando é seguro comer pão, queijo e outros alimentos mofados"<sup>26</sup>, o título planta a dúvida no público que deseja evitar o desperdício, interferindo no devido entendimento sobre o consumo de itens mofados. O mais seguro é recomendar, a não ser nos alimentos que pressupõem o processo de geração de fungos para chegar à forma final (como alguns queijos), a ingestão de alimentos sem qualquer tipo de contaminação fúngica visível, mesmo que se retire a parte mofada dos alimentos. Quando o fungo está visível, o alimento já está inteiramente contaminado e os bolores são capazes de liberar micotoxinas imperceptíveis aos olhos e nocivas aos seres humanos<sup>27</sup>.

Um tocante relato sobre a tragédia alimentar experimentada pela população brasileira no contexto da pandemia está presente em "Brasileiro 'se vira para driblar a fome; veja como substituir alimentos'". Apesar das agruras cuidadosamente descritas no texto, a saída colocada pela matéria para driblar a falta de dinheiro e a alta dos preços é aproveitar as promoções semanais dos supermercados e procurar marcas mais em conta, muitas delas recém-lançadas para atender a um público com poucos recursos<sup>28</sup>.

As matérias aqui analisadas atraem a atenção de um público que, devido à crise econômica, considera substituir alimentos e se alimentar com comidas mais baratas e ultraprocessadas, sem atentar para o valor nutricional delas. De um lado, os conteúdos jornalísticos não alertam ao consumidor sobre os perigos nutricionais da "criatividade" da substituição, nem sobre o que está causando essa situação. De outro, naturalizam a situação atual, mostrando saídas que podem ser duvidáveis ou pouco seguras do ponto de vista nutricional.

Esses riscos são experimentados desigualmente pela população brasileira. Vale destacar que 41% da população brasileira vêm experimentando atualmente algum grau de insegurança alimentar no país (IBGE/POF)<sup>2</sup>. Nutricídio foi o termo inicialmente cunhado pelo médico e escritor norte-americano Llaila Afrika para mostrar que a população negra era mais afetada pela insegurança alimentar no país do que a branca nos Estados Unidos<sup>29</sup>. O termo busca traduzir o impacto que uma população pode sofrer frente a políticas públicas que desencorajam a soberania alimentar do

país e que afetam principalmente as populações mais vulneráveis.

No Brasil, o termo passou a ser usado para expor como as pessoas de classe baixa (em sua maioria negros, nordestinos e trabalhadores rurais) são os maiores alvos da desigualdade alimentícia<sup>2,30</sup>, sofrendo mais com a questão da insegurança alimentar. Essas pessoas costumam habitar locais chamados "desertos alimentares", isto é, onde não há praticamente acesso a alimentos *in natura* ou que sejam minimamente processados. São bairros periféricos ou com indicadores sociais baixos, que concentram comércios pequenos e varejistas que disponibilizam majoritariamente produtos alimentares processados e ultraprocessados. Nesses locais, alimentos menos processados e orgânicos só podem ser encontrados nas áreas centrais das cidades ou em bairros classe média ou alta que oferecem hortifrúteis, feiras, peixarias, açougues, mercearias, supermercados e hipermercados. Em 2018, em 12 capitais o menor número de estabelecimentos que ofereciam alimentos saudáveis se situava no grupo de subdistritos onde habitavam as populações mais pobres<sup>31</sup>.

A grave conjuntura econômica a qual as matérias se referem como uma realidade dada e não produzida tem sido gestada, na verdade, desde 2014, com a progressiva adoção de medidas liberais que buscavam conter os gastos públicos. Ao advento da pandemia veio somar uma intensa precarização do trabalho, dos direitos de cidadania e o aumento da desigualdade social que fez com que, em 2020, 19,1 milhões de brasileiros deixassem de ter acesso a quantidade e qualidade de alimentos sem que outras necessidades básicas da vida fossem comprometidas<sup>3</sup>.

A fome, infelizmente, não é novidade no Brasil. Desde a década de 1950 diversos programas foram criados com a finalidade de combater a fome e a insegurança alimentar no país<sup>32</sup>. Entre os mais recentes, tivemos o Fome Zero (2003), o Bolsa Família (2003), o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) (2003) e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) (1979). A implementação deles, aliada às políticas de transferência de renda e ao aumento real do salário mínimo a partir de 2003 possibilitou ao Brasil finalmente sair do Mapa Mundial da Fome em 2014,

destacando-se como o país que mais havia avançado no mundo nesse quesito até então, à frente de países até mais populosos como a China e a Índia, dentre outro<sup>33</sup>. Porém, as reformas efetuadas após o golpe parlamentar de 2016 aprofundaram a desigualdade social no país e o desmonte progressivo das políticas públicas de combate à fome e à insegurança alimentar.

Um dos primeiros atos do governo eleito em 2018 foi extinguir o Conselho Nacional de Segurança Alimentar (CONSEA), principal órgão de assessoramento junto ao governo federal no que diz respeito às políticas de segurança alimentar no Brasil. Foram revogados também dispositivos importantes do Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (SISAN) (MP 870/2019), que preconiza o direito humano à alimentação adequada. Além do desmonte institucional, os programas existentes (Programa de Aquisição de Alimentos, Programa de Aperfeiçoamento de Ensino e o Bolsa Família) sofreram cortes orçamentários significativos<sup>34</sup>. Como não houve medidas de compensação, o aumento da Insegurança Alimentar e da fome nas populações mais vulneráveis fez os 13,8% da população que sofriam com a insegurança alimentar em 2004 passarem a 34,7% em 2020<sup>3</sup>.

Outras iniciativas do governo foram a aprovação do Programa Alimenta Brasil (PAB), em substituição ao Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) (Medida Provisória 1.061/2021) e a lei 14.016/2020, que permite a doação de excedentes de alimentos para o consumo humano fora da relação (e proteção da legislação) de consumo. Basicamente, essa lei permite a doação de excedentes não comercializados e ainda próprios para o consumo humano desde que tenham sua integridade e segurança sanitária garantidas, bem como suas propriedades nutricionais, não obstante danos parciais às embalagens ou aspecto comercialmente indesejável. Fica a empresa responsabilizada por danos decorrentes da doação apenas em caso de dolo específico, isto é, se comprovado que a doação foi feita sabendo das incompatibilidades do produto para consumo humano e outros agravantes.

Embora inicialmente pareça tentadora a ideia de uma legislação que permita a doação de alimentos, a lei permite a doação de produtos com embalagens danificadas e se omite em apontar a quais

órgãos caberá garantir a segurança do consumo. Os empresários esperam que a Anvisa cumpra essa tarefa<sup>35</sup>, mas a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) tem sofrido com os cortes destinados aos serviços públicos desde a aprovação da Emenda Constitucional 95/2016, que restringiu o teto (limite máximo) de investimentos públicos até 2036.

Essa lei era uma antiga demanda de empresas, associações e bancos de alimentos para permitir aos estabelecimentos doar sobras de alimentos ainda próprias para o consumo humano. Vale ressaltar que para as grandes redes de restaurantes, o desperdício é custoso, pois via de regra elas são obrigadas a dar a destinação correta para os alimentos. Portanto, doar o que seria descartado barateia os custos e, de quebra, fortalece a imagem pública dos doadores. Sem maiores resistências, a lei foi aprovada no Congresso; afinal, quem condenaria a doação de comida num país em que as pessoas passam fome e os preços dos alimentos disparam, especialmente após a pandemia?

Em 2021 os preços dos alimentos no mundo atingiram o maior patamar em 10 anos<sup>36</sup>. No Brasil, ao contrário dos demais países, o aumento de preços não se deveu à baixa produção: a safra brasileira de grãos, cereais e leguminosas bateu recorde histórico no ano de 2021<sup>37</sup>. O aumento de preços decorreu da alta do dólar, que fez com que os produtores preferissem exportar a produção, desassistindo assim a demanda doméstica. Para piorar o cenário, a estratégia de estocar alimentos para que os preços pudessem ser contidos e os agricultores, protegidos, utilizada como instrumento de regulação de preços em países como China e EUA, foi praticamente abandonada no Brasil<sup>38</sup>.

Sem estoques de alimentos para suprir eventuais necessidades, o processo inflacionário disparou, com o IPCA e o IGPM de 2021 acumulando respectivamente 10,06% e 17,78% no ano. Em 13 capitais brasileiras a cesta básica subiu. Em Porto Alegre/RS ela chegou a mais de 60% do salário mínimo (R\$664,67)<sup>39</sup>. A alta nos insumos e serviços essenciais à produção alimentícia, como energia elétrica, combustíveis e derivados do petróleo (gasolina, diesel e gás de cozinha) também pesou nos preços. A nova política da Petrobras, orientada para o mercado, vem fazendo com que o lucro da

empresa seja transferido para os acionistas, ao invés de subsidiar e assim baratear o gás e a gasolina domesticamente. Só em 2021, a empresa anunciou que distribuiria R\$31,6 bilhões para os seus acionistas<sup>40</sup>. As famílias de baixa renda passaram a pular refeições e buscaram outras formas de cozinhar e aquecer alimentos por não terem dinheiro para o botijão de gás, resultando em acidentes domésticos graves pelo uso de álcool no lugar do gás para cozinhar<sup>41,42</sup>.

A produção que chega à nossa mesa provém em parte de pequenos agricultores, que plantam para abastecer a família e vendem as sobras de sua colheita (mandioca, feijão, arroz, milho, leite, batata etc.)<sup>43</sup>. Por isso, a agricultura familiar é a grande chave para garantir o abastecimento interno e a soberania alimentar no Brasil. Entretanto, ela tem sido atacada diuturnamente no país pela bancada parlamentar ruralista (agronegócio), com o apoio da Presidência da República, e foi a principal afetada pela redução de verbas do novo Programa de Aquisição de Alimentos (PAA)<sup>44</sup>. Isso faz com que a dependência do mercado externo se cristalice e o impensável se torne possível: enquanto há recorde de safra em 2021, sobe também a insegurança alimentar no país. Todo o choque de preço é transmitido direto ao consumidor, sem qualquer mediação, agravada pela decisão do governo de priorizar os grandes produtores em detrimento da agricultura familiar, esta sim voltada para o mercado interno.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cenário de inflação e crise econômica, somado ao desmonte das políticas de segurança alimentar no país, vem impactando drasticamente a segurança alimentar e nutricional dos brasileiros. A grande imprensa poderia ser uma aliada na pauta da segurança alimentar, conscientizando o cidadão, por meio das suas matérias, da importância de uma alimentação nutritiva e voltada para a saúde. Entretanto, no veículo de notícias analisado, além de não cumprir essa missão, omite-se o desmonte de políticas para a segurança alimentar, estimulando o consumidor a aceitar e naturalizar a crise, abrindo mão de uma alimentação segura e de qualidade.

No período analisado e, principalmente, depois da aprovação da lei 14.016/2020, as matérias passaram a mostrar maneiras de driblar a alta dos



preços das carnes, do arroz e do feijão, encarando-a como uma oportunidade para mudar o que se come; apresentando a situação atual como uma fatalidade, pela qual ninguém é responsabilizado. Esse modelo de produção de notícias ensina a aceitar a alta nos preços dos alimentos, substituindo-os no cardápio diário, propondo que a solução venha de saídas individuais e "criativas", de forma acrítica.

Matérias como as que foram discutidas nesse trabalho só reforçam a importância de reativar o Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (CONSEA) de forma que esse possa atuar junto aos demais setores representativos no que diz respeito a esse tipo de cobertura jornalística que contribui para a desinformação a respeito desse assunto no Brasil. A implementação de ações públicas de segurança alimentar e nutricional, por certo, depende de intervenções em outros setores para terem sucesso, como o trabalho, a educação, a saúde e, principalmente, a renda, mas vale destacar que, para que o cidadão comum tenha consciência do agravamento desse problema no país, a informação de qualidade é fundamental.

## AGRADECIMENTOS

Ao Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ) e à ENSP/Fiocruz.

## FINANCIAMENTO

Nada a declarar.

## CONFLITOS DE INTERESSE

Nada a declarar.

## FUNÇÕES DOS AUTORES

Natalia Bizerra Oliveira: coleta de dados, análise dos resultados e redação do texto. Brena Barbosa Freitas: coleta de dados, tabulação dos dados e redação escrita do artigo. Ana Cristina Augusto de Sousa: orientação da pesquisa, análise dos resultados e redação do texto.

## REFERÊNCIAS

1- Brasil. Lei nº 11346, de 15 de setembro de 2006. Lei nº 11.346 de 15/09/2006. Diário Oficial da União, 18 set.

2006. [cited 2022 Mar 17]. Available from: <https://legis.senado.leg.br/norma/572131>.

- 2- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Pesquisa de orçamentos familiares 2017-2018: análise da segurança alimentar no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE; 2020. Available from: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101749>.
- 3- Rede Penssan. Grupo de Monitoramento. Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil –Vigisan 2020. Relatório de pesquisa. Rio de Janeiro; 2021. Available from: <http://olheparaafome.com.br/>.
- 4- O Globo foi o jornal mais lido do país. Editoria Política, 02/02/2022. [cited 2022 Aug 01]. Available from: <https://oglobo.globo.com/politica/o-globo-foi-jornal-mais-lido-do-pais-em-2021-25376960>.
- 5- Bardin L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70; 2011.
- 6- Flick, U. Introdução à pesquisa qualitativa. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. 405 p.
- 7- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo 15 – IPCA-15. [relatório eletrônico]. 2021 Aug [cited 2022 Mar 17]. Available from: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br).
- 8- Tondo S. Extra Online [Internet]. Churrasco econômico: veja como substituir as carnes e os acompanhamentos; 2021 Dec 18 [cited 2022 Aug 13]. Available from: <https://extra.globo.com/economia-e-financas/suas-contas/churrasco-economico-veja-como-substituir-as-carnes-os-acompanhamentos-24801345.html>.
- 9- G1 PR. G1 [Internet]. Ovos são alternativa para fugir do preço alto das carnes, no Paraná; 2021 Jul 11 [cited 2022 Aug 01]. Available from: <https://g1.globo.com/pr/parana/caminhos-do-campo/noticia/2021/07/11/ovos-sao-alternativa-para-fugir-do-preco-alto-das-carnes-no-parana.ghtml>.
- 10- Tondo S. Criatividade na cozinha: veja 5 formas de substituir a carne pelo ovo sem cair na mesmice. O Globo [Internet]. 2021 Jun 15 [cited 2022 Mar 17]. Available from: <https://oglobo.globo.com/economia/como-economizar/criatividade-na-cozinha-veja-5-formas-de-substituir-carne-pelo-ovo-sem-cair-na-mesmice-25116199>.
- 11- Whiting SJ, Wood RJ. Adverse effects of high-calcium diets in humans. *Nutr Rev*. 1997 Jan;55(1 Pt 1):1-9. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1753-4887.1997.tb06114.x>.

- 12- Tondo S. E vamos botar água no feijão! Veja como fazer o prato render mais. O Globo [Internet]. 2021 Apr 20 [cited 2022 Mar 17]. Available from: <https://oglobo.globo.com/economia/como-economizar/e-vamos-botar-agua-no-feijao-veja-como-fazer-prato-render-mais-24978408>.
- 13- Azevedo E. Saiba como substituir o arroz e feijão por opções mais baratas. Extra Online [Internet]. 2020 Sep 14 [cited 2022 Mar 17]. Available from: <https://extra.globo.com/noticias/saude-ciencia/saiba-como-substituir-arroz-feijao-por-opcoes-mais-baratas-24636652.html>.
- 14- Fróes L. Miojo gourmet: chefs dão receitas para turbinar o macarrão instantâneo. O Globo [Internet]. 2021 Sep 10 [cited 2022 Mar 17]. Available from: <https://oglobo.globo.com/rioshow/miojo-gourmet-chefs-dao-receitas-para-turbinar-macarrao-instantaneo-25191270>.
- 15- Leite R. Venda de macarrão instantâneo cresce 11% na pandemia. Band, Portal de Notícias, Esporte e Entretenimento [Internet]. 2021 Aug 16 [cited 2022 Aug 01]. Available from: <https://www.band.uol.com.br/noticias/jornal-da-band/ultimas/venda-de-macarrao-instantaneo-cresce-11-16366304>.
- 16- Aparecida Brandão Silva C, Carolina P Peres Moraes L, Ferreira de Oliveira C, Cristina Teixeira Mallet A. Análise de gordura e sódio de macarrão instantâneo. *Episteme Transversalis*. 2020 Dec;11(3):20–39. Available from: <http://revista.ugb.edu.br/ojs302/index.php/episteme/article/view/2177>.
- 17- Tondo S. Extra Online [Internet]. Com inflação em alta, substituir alimentos é o segredo para economizar no almoço de Páscoa; 2021 Mar 26 [cited 2022 Jun 22]. Available from: <https://extra.globo.com/economia-e-financas/suas-contas/com-inflacao-em-alta-substituir-alimentos-o-segredo-para-economizar-no-almoco-de-pascoa-24943453.html>.
- 18- Tondo S. Pão francês e leite ficaram mais caros em abril; veja como economizar no café da manhã. O Globo [Internet]. 2021 Apr 30 [cited 2022 Mar 17]. Available from: <https://oglobo.globo.com/economia/como-economizar/pao-frances-leite-ficaram-mais-caros-em-abril-veja-como-economizar-no-cafe-da-manha-24996945>.
- 19- Tondo S. Pão francês, café e leite estão entre as maiores altas da inflação dos últimos 12 meses; veja como economizar. O Globo [Internet]. 2021 Mar 17 [cited 2022 Mar 17]. Available from: <https://oglobo.globo.com/economia/como-economizar/pao-frances-cafe-leite-estao-entre-as-maiores-altas-da-inflacao-dos-ultimos-12-meses-veja-como-economizar-25177832>.
- 20- Preços dos hortifrutis sobem por causa do frio: temperaturas baixíssimas afetam lavouras de frutas, legumes e verduras. *Jornal Nacional*, 2021 Aug 16. [cited 2022 Aug 01] Available from: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/08/16/precos-dos-hortifrutis-sobem-por-causa-do-frio.ghtml>.
- 21- Tondo S. Extra Online [Internet]. Frio deixa hortaliças mais caras; veja como substituir a salada nas refeições; 2021 Aug 10 [cited 2022 Jun 22]. Available from: <https://extra.globo.com/economia-e-financas/suas-contas/frio-deixa-hortalicas-mais-caras-veja-como-substituir-salada-nas-refeicoes-25148350.html#:~:text=Nos%20dias%20bem%20frios,%20está,%20abóbora,%20cenoura%20e%20ervilha>.
- 22- Gerretsen I. Insetos: O alimento super nutritivo desprezado pelo mundo ocidental. G1 [Internet]. 2021 Jun 15 [cited 2022 Mar 17]. Available from: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2021/06/15/insetos-o-alimento-supernutritivo-desprezado-pelo-mundo-ocidental.ghtml>.
- 23- Oliveira L, Carlos Carvalho J. Alimentos à base de insetos já podem ser consumidos nos hipermercados de Portugal. O Globo [Internet]. 2021 Aug 5 [cited 2022 Mar 17]. Available from: <https://oglobo.globo.com/saude/alimentos-base-de-insetos-ja-podem-ser-consumidos-nos-hipermercados-de-portugal-1-25142347>.
- 24- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Guia alimentar para a população brasileira / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – 2. ed., 1. reimpr. – Brasília : Ministério da Saúde, 2014.
- 25- van Huis A. Insects as food and feed, a new emerging agricultural sector: a review. *Journal of Insects as Food and Feed* [Internet]. 2020 Feb 6 [cited 2022 Feb 21];6(1):27–44. Available from: <https://www.wageningenacademic.com/doi/abs/10.3920/JIFF2019.0017> DOI: <https://doi.org/10.3920/jiff2019.0017>.
- 26- BBC News. Quando é seguro comer pão, queijo e outros alimentos mofados - Ciência e Saúde. G1 [Internet]. 2020 Sep 16 [cited 2022 Mar 17]. Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2020/09/26/quando-e-seguro-comer-pao-queijo-e-outros-alimentos-mofados.ghtml>.

- 27- Maziero MT, Bersot LS. Micotoxinas em alimentos produzidos no Brasil. *Rev Brasileira de Produtos Agroindustriais*. 12(1):89-99. DOI: <https://doi.org/10.15871/1517-8595/rbpa.v12n1p89-99>.
- 28- Imenes M. Extra Online [Internet]. Brasileiro 'se vira' para driblar a fome; confira como substituir alimentos; 2021 Aug 15 [cited 2022 Jun 22]. Available from: <https://extra.globo.com/economia-e-financas/brasileiro-se-vira-para-driblar-fome-confira-como-substituir-alimentos-25154797.html?~:text=Outra%20orienta%20da%20nutricionista%20%20%20%20incrementam%20%20prato>.
- 29- Afrika L. *Nutricide: The Nutritional Destruction of the Black Race*. Pennsylvania: EWorld; 2013.
- 30- CAISAN. Estudo técnico de Mapeamento dos desertos Alimentares no Brasil [Internet]. 2018 Dec [cited 2022 Mar 17]. Available from: [https://aplicacoes.mds.gov.br/sagirms/noticias/arquivos/files/Estudo\\_tecnico\\_mapeamento\\_desertos\\_alimentares.pdf](https://aplicacoes.mds.gov.br/sagirms/noticias/arquivos/files/Estudo_tecnico_mapeamento_desertos_alimentares.pdf).
- 31- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Segurança Alimentar 2016. Rio de Janeiro: IBGE; 2016. Available from: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html>.
- 32- Vasconcelos FD. Combate à fome no Brasil: uma análise histórica de Vargas a Lula. *Rev Nutr*. 2005 Aug; 18(4):439-57. Available from: <https://www.scielo.br/j/rn/a/dBtStfvTzwqWjvqQgSL5zqd/> DOI: <https://doi.org/10.1590/s1415-52732005000400001>.
- 33- FAO, IFAD, UNICEF, WFP. *The State of Food Security and Nutrition in the World 2014. Strengthening the enabling environment for food security and nutrition*. Rome, FAO. 2014. Available from: <https://www.fao.org/3/i4030e/i4030e.pdf>.
- 34- Alpino TMA., Santos CRB, Barros DC, Freitas CM. COVID-19 e (in)segurança alimentar e nutricional: ações do Governo Federal brasileiro na pandemia frente aos desmontes orçamentários e institucionais. *Cad Saúde Pública* [internet]. 2020, 36(8):e00161320. Available from: <https://www.scielosp.org/article/csp/2020.v36n8/e00161320/> DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00161320>.
- 35- Mariane, P. Empresas dizem que lei ajudará a diminuir desperdício de alimentos no Brasil. CNN Brasil [Internet]. 2020 Jun 25 [cited 2022 Mar 18]. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/business/empresas-dizem-que-lei-ajudara-a-diminuir-desperdicio-de-alimentos-no-brasil/>.
- 36- FAO, IFAD, UNICEF, WFP and WHO. *The State of Food Security and Nutrition in the World 2021. Transforming food systems for food security, improved nutrition and affordable healthy diets for all*. Rome, FAO. 2021. Available from: <https://www.fao.org/documents/card/en/c/cb4474en>.
- 37- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Levantamento Sistemático de Produção Agrícola. [relatório eletrônico] 2021 Apr 13 [cited 2022 Mar 17]. Available from: [https://www.gov.br/fazenda/pt-br/centrais-de-conteudos/publicacoes/conjuntura-economica/agricola/2021/2021-04-13\\_lspa-ibge.pdf](https://www.gov.br/fazenda/pt-br/centrais-de-conteudos/publicacoes/conjuntura-economica/agricola/2021/2021-04-13_lspa-ibge.pdf).
- 38- Sykora ND. Preços de commodities agrícolas e o comportamento de mercado invertido (backwardation): o caso da soja. Repositório Institucional do FGV; 2013. Available from: [https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/11043/Tese%20\\_%20Nelson%20D%20Sykora.pdf](https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/11043/Tese%20_%20Nelson%20D%20Sykora.pdf).
- 39- DIEESE. Análise cesta básica - Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos - Julho de 2021 - agosto/2021; [Internet] 2021 Jul [cited 2022 Mar 19]. Available from: <https://www.dieese.org.br/analisecestabasica/analiseCestaBasica202107.html>.
- 40- Corrêa D. Petrobras anuncia pagamento adicional de remuneração aos acionistas. Agência Brasil [Internet]. 2021 Oct 28 [cited 2022 Mar 18]. Available from: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-10/petrobras-anuncia-pagamento-adicional-de-remuneracao-aos-acionistas>.
- 41- Amoury J. Família se queima ao usar álcool para cozinhar por falta de gás e precisa de ajuda para pagar tratamento, em Anápolis. G1 [Internet]. 2021 Sept 2 [cited 2022 Mar 18]. Available from: <https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2021/09/02/familia-se-queima-ao-usar-alcool-para-cozinhar-por-falta-de-gas-e-precisa-de-ajuda-para-pagar-tratamento-em-anapolis.ghtml>.
- 42- Barbosa M. Morre homem que teve 50% do corpo queimado após cozinhar com álcool por não ter dinheiro para comprar gás de cozinha. G1 [Internet]. 2021 Jul 6 [cited 2022 Mar 18]. Available from: <https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2021/07/06/morre-homem-que-teve-50percent-do-corpo>.

queimado-apos-cozinhar-com-alcool-por-nao-ter-dinheiro-para-comprar-gas-de-cozinha.ghtml.

- 43- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Censo Agropecuário 2017. Rio de Janeiro: IBGE. 2017. Available from: <https://censoagro2017.ibge.gov.br/>.
- 44- Melito L. Brasil de Fato [Internet]. No governo Bolsonaro, compras públicas de alimentos viram lenda; 2020 Jan 28 [cited 2021 Aug 11]. Available from: <https://www.brasildefato.com.br/2020/01/28/no-governo-bolsonaro-compras-publicas-de-alimentos-viram-lenda>